

Notas interpretativas

Fernando Villas-Boas

A questão do Fantasma

«Por Deus, que não saberia crer nisto / Sem o testemunho sensível / Dos meus próprios olhos...»

Horácio lembra relatos clássicos da animação dos mortos, por ênfase imaginativa, mas as suas dúvidas sobre a autenticidade do espectro são as do tempo de Shakespeare. O seu cepticismo, e o dos seus companheiros, não implica a negação dos fantasmas, mas reflecte a convicção isabelina na mais certa existência de *ilusões da mente* do que em manifestações de espíritos. Era, ainda assim, convicção popular que, podendo estes fazer as suas aparições, só falariam depois de se lhes dirigirem, e com propriedade, sob pena de malefícios. Porém, a não serem *alucinações*, o mais certo era tratar-se de manifestações demoníacas, e não anjos, ou, menos ainda, genuínas presenças dos mortos, no que os isabelinos, de raiz protestante ou católica, não pareceram acreditar muito. Daí a posterior procura de outras provas do regicídio por parte de Hamlet, e a sua vontade, bastante razoável, para o primeiro público, de testar o fantasma, ao contrário do que a velha tese dos *adiamentos de Hamlet* defendia. A sua rápida crença na autenticidade do fantasma era, portanto, mais inesperada e apressada do que as suas dúvidas posteriores.

A questão da Sucessão

«...Que o mundo saiba / Que sois o mais próximo herdeiro deste trono...»

A Dinamarca era uma monarquia electiva, e Hamlet conhece bem o sistema; à hora da morte, também ele dará o seu voto na sucessão. Mas Shakespeare explora aqui a profunda convicção do seu público na primogenitura para sublinhar a injustiça da situação de Hamlet, que aparece, aos olhos desse público, como o príncipe usurpado, por aquele que, abusivamente, tomou o lugar do seu pai e o trata por *filho*.

Quando Hamlet provoca Rosencrantz com a fórmula «O corpo está com o Rei, mas o Rei não está com o corpo...», para além de fazer troça do corpo morto de Polónio, e do seu posto servil perante Claudius, está a fazer alusão irónica à doutrina política dos dois corpos do rei, o *corpo natural* e o *corpo político*. Perecível, o primeiro, e invisível e intocável o segundo; este continha a “Missão, o Governo e a Majestade” e era imortal, sendo transferido de um corpo natural para outro, na sucessão. Assim, Claudius tinha recebido, à luz da lei e à vista de todos, o título de rei – *o corpo está com o rei* – mas não podia, pela sua ilegitimidade de regicida, encarnar o *corpo político*, de carácter sagrado, fosse ou não revelado o crime publicamente – *o rei não está com o corpo*.

A questão do Incesto

«Sim... essa besta incestuosa e adúltera...»

O estatuto de *irmãos* que tinha sido simbolicamente conferido a Gertrud e Claudius, enquanto cunhados, dá à sua união uma virtual conotação incestuosa que repugna a Hamlet. Mas é naturalmente encarada por Claudius, depois do casamento, de acordo com os costumes daquela corte. Porém, a acusação do Fantasma, que fala da *vontade da rainha* que fora atraída no tempo em que *virtuosa parecia* é uma clara acusação de adultério ainda em vida do rei, que Hamlet é obrigado a contemplar. Na relação sexual entre aqueles que ainda eram irmãos formais, e na relação simultânea de Gertrud com os dois irmãos, a acusação de *incesto* completa o seu sentido, aumentando a gravidade do adultério e da usurpação, agora também visíveis à luz dos costumes deste reino da Dinamarca.

A questão do Purgatório

«Sem hóstia, inconsolado, nem santos óleos...»

O Rei falecido queixa-se de não ter sido tratado com a extrema unção. A abolição oficial, dentro do anglicanismo, da doutrina do purgatório, só trouxe um novo terror à «batalha, ao assassinio e à morte súbita», que podiam levar à morte sem preparação, uma vez que a purgação tinha de acontecer em vida. Mas o Fantasma não lamenta forçosamente a ausência de ritos católicos, uma vez que o rito anglicano continuava a aconselhar o bom crente a não morrer sem ter recebido Comunhão recente. A referência de Hamlet, em conversa com Horácio, ao «padroeiro do purgatório», São Patrício, mostra como estava bem vivo no imaginário do público esse elemento de fé popular.

A entrega de Claudius à oração e contrição pelos seus erros fá-lo-ia ser visto como um anglicano cumpridor nesse instante. Hamlet, ao assassiná-lo então, estava, à vista do público, a faltar à conduta dos *vingadores*, cujo fito castigador era sempre o de *enviar para o Inferno* a alma corrupta. De acordo com as expectativas do público, Hamlet mostra assim a sua inclemência, e não hesitação, de acordo com certas leituras tradicionais.